



DA CONSOLAÇÃO INFINITA AO TERRITÓRIO DA PESQUISA RACIONAL

JOSÉ EDELBERTO ARAÚJO DE OLIVEIRA¹

RESUMO: O presente artigo examina estabelecer uma constância de marcos que caracterizam a religiosidade desmistificadora patentes na obra de Murilo Mendes como devedora do pensamento de Espinosa. Semelhante condição emerge do exame dos referenciais teóricos de Carl Gebhardt que expõem a natureza do espinosismo. Os argumentos que terminam a série sobre a proximidade de Murilo Mendes e Espinosa voltam-se para o contexto da verdade religiosa e da verdade ciência. Gebhardt sustenta que Espinosa compreendeu que a grande demanda do contexto do século 17 era conjugar o conhecimento particular da ciência com a propagação de profunda intuição da lei divina do mundo; endossando o entendimento da natureza como abarcando forças desagregadoras, Murilo Mendes acolhe um componente religioso que, seguramente, não é a do cristianismo católico. Finalmente, quando dialoga com Albert Camus ou no tempo em que reconhece a dificuldade de organizar a verdade, percebe-se o distanciamento muriliano das grandezas que denotam aparência, ilusão ou inexistência para aquelas coisas instaladas além do âmbito do mundo físico.

PALAVRAS-CHAVE: Espinosa. Filosofia. Gebhardt. Lei Divina. Murilo Mendes.

ABSTRACT: This paper examines and establishes a series of milestones that characterize the demystifying religiosity evident in the work of Murilo Mendes as a debtor to Spinoza's thought. A similar condition emerges from the examination of Carl Gebhardt's theoretical references that expose the nature of Spinozism. The arguments that end the series about the proximity of Murilo Mendes and turn to the context of religious truth and scientific truth. Gebhardt maintains that Spinoza understood that the great demand of the 17th century context was to combine the particular knowledge of science with the propagation of profound intuition of the divine law; endorsing the understanding of nature as encompassing disruptive forces, Murilo Mendes welcomes a religious component that is certainly not that of Catholic Christianity. Finally, when he dialogues with Albert Camus or when he recognizes the difficulty of organizing the truth, one notices of Murilo Mendes distance from the magnitudes that denote appearance, illusion or non-existence for those things installed beyond the scope of the physical world.

KEYWORDS: Divine law. Philosophy. Gebhardt. Murilo Mendes. Spinoza

¹Professor Efetivo da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), atuando como chefe do Departamento de Ciências Humanas da Unidade Leopoldina, e Coordenador do Programa Lógica e Linguagem. Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: jose.edelberto@uemg.br.

O presente artigo estabelece uma constância de marcos que caracterizam a religiosidade desmistificadora patentes na obra de Murilo Mendes como devedora do pensamento de Espinosa. Semelhante condição emerge do exame dos referenciais teóricos de Carl Gebhardt que expõem a natureza do espinosismo.

Notório por escrever nas margens dos seus livros, Murilo Mendes (1901 - 1975) destacou passagens, sinalizou paralelismos com outros textos e grafou observações nas obras de sua biblioteca pessoal.² Assim, tal marginália constitui um conjunto de anotações e marcas de leitura que trafega por temas como o da significação e o da interpretação em autores como Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Maquiavel, Descartes, Espinosa, Locke, Malebranche, Leibniz e Hegel, para citar alguns.

Entre seus livros, Murilo Mendes conservava duas edições francesas da *Ética* de Espinosa (intituladas *Ethique* e *L'ethique*, respectivamente): uma editada em 1936 pela Flammarion e, a segunda, de 1964, da Gallimard, de acordo com o RELATÓRIO DE OBRAS POR UNIDADE E GÊNERO, Unidade: MAM–Murilo Mendes, sob guarda da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nelas, as marcas e anotações deixadas foram mais numerosas na Quarta Parte — *A servidão humana ou a força dos afetos* — e menos destacadas nas Segunda Parte e Terceira Parte, denominadas *A natureza e a origem da mente* e *A origem e a natureza dos afetos*, respectivamente. A Primeira Parte — *Deus* e a Quinta Parte — *A potência do intelecto ou a liberdade humana* não sofreram marcações murilianas.

Dentro da ordem de apresentação dada por Espinosa para a *Ética*, o exame dos apontamentos e sinais deixados por Murilo Mendes partem de questões mais fundamentais envolvendo os conceitos de mente e afetos (Segunda Parte e Terceira Parte) até a via dos valores que advêm dos conceitos de perfeição e imperfeição, bem e mal (Quarta Parte). Deste modo, circula-se pela noção da mente ser capaz de perceber muitas coisas; pela compreensão do corpo humano enquanto aquele que tanto afeta como é afetado de modo variado por corpos externos e, na circunstância de algo ser comum ao corpo humano e a alguns corpos externos, a sua ideia também estará adequada à mente.

Os relatos autobiográficos murilianos cotejados com suas notas de leitura, considerando que os primeiros contatos com a obra de Espinosa reportam à sua juventude, permitem inferir

² Amoroso esclarece: “Livros e obras de arte pertencentes a Murilo Mendes foram entregues por sua mulher, Maria da Saudade Cortesão Mendes, à Universidade Federal de Juiz de Fora e se encontram atualmente no *Centro de Estudos Murilo Mendes Juiz de Fora* - MG. Consta que Murilo teria determinado que as obras de autores brasileiros de sua biblioteca particular devessem permanecer na Universidade de Roma e as de autores estrangeiros, no Brasil.” AMOROSO, *Passeio na biblioteca de Murilo Mendes*, p. 143.

um agregado de elementos conceituais que exprimem parte do prisma pelo qual Murilo Mendes interpreta o mundo.

Eu por mim comecei a suspeitar que o mecanismo do mundo era ou estava torto; qualquer coisa, muitas coisas não funcionavam bem [...]. Havia sem dúvida uma conspiração universal contra a verdade íntima de cada um e de todos [...]. O professor Aguiar ensina filosofia [...], já estou em plena adolescência [...], sua inteligência variada me atrai, vou lá porque ele me suscita problemas [...]; Lê-me páginas de Spinoza, “meu pai espiritual” [...]; segundo Spinoza, o poder de Deus é sua própria essência; entrega-me uma folha de papel com um aforismo de Spinoza que mais tarde meditarei: o desejo é a própria essência do homem, quer dizer, o esforço pelo qual o homem se aplica em perseverar no seu ser. (MENDES, 2003, p. 144, 168-170).

Afastando-se da tradição de comentadores que atribui ao literato um processo criativo sempre envolvendo elementos racionais e irracionais em simultâneo, é possível compreender o intelectual católico Murilo Mendes como averso as polaridades do tipo bondade e maldade, honroso e desonroso. Nas notas marginais deixadas na Quarta Parte da *Ética*,³ o ponto destacado é justamente o da escassez de autonomia dos valores: em si, de uma maneira absoluta, padecem de uma irrealidade quando desvinculados do âmbito mental. Em *Poliedro* (1972), sua *Microdefinição do Autor* registra:

Sinto-me compelido ao trabalho literário: pelo desejo de suprir lacunas da vida real [...]; pelo meu não-reconhecimento da fronteira realidade-irrealidade; pelo meu dom de assimilar e fundir elementos dispares [...]; porque não separa Apolo de Dionísio [...]; pela notícia de que Deus, diante da burrice e crueldades soltas, demitiu-se do cargo de administrador dos negócios do homem [...]. Pertencço à categoria não muito numerosa dos que se interessam igualmente pelo finito e pelo infinito [...]. Tenho raiva de Aristóteles, ando à roda de Platão. (MENDES, 2007, p. 9-11)

Escrito na Europa, *Retratos-Relâmpago* (1973) foi o último projeto literário muriliano, um exercício de assuntos ligeiros.⁴ Setenta e três perfis diversos são traçados daquelas influências marcantes em um cenário da intimidade, das conexões que erguem um conjunto de circunstância sobre o exógeno, o estrangeiro. Entre poetas, pintores, escritores, Espinosa é retratado. O modo de interpretar Espinosa, então, para não entrar em contradição com os perenes princípios religiosos⁵ professados por Murilo Mendes, necessariamente, revela uma

³ Para Oliveira: “O poeta, consciente de seus movimentos de leitura no princípio da parte IV, sabia que a *Ética* pretende demonstrar *estar em conformidade com a razão* o fato de que cada ser humano busque perseverar em seu ser pela conveniência com todos os outros ‘em tudo’ e tanto quanto for possível. Conforme evidenciamos, ele até ponderou sobre articulação entre o pano de fundo destas teses e o cristianismo.” OLIVEIRA, *Spinoza*, p. 18.

⁴ No mesmo ano, dialogando com Tristão de Athayde, sobre os poemas-piadas datados em 1925, Murilo Mendes declara: “Aliás, não abandonei tais manejos — exercito sempre assuntos ligeiros, que é para não ficar muito pesado na horinha do apocalipse.” MENDES, 1997, p. 1478.

⁵ Amoroso qualifica como persistente a relação de Murilo Mendes com o meio católico brasileiro: “A partir das cartas, dos livros lidos e anotados pelo poeta, depositados na biblioteca, da leitura da obra de Murilo Mendes e das obras já escritas sobre ele, foi possível sublinhar alguns elementos. Entre eles, a persistente relação do poeta, mesmo durante os anos italianos, com o ambiente católico do Brasil; a ausência de indícios de um envolvimento maior de Murilo Mendes com questões culturais italianas marcantes, nas décadas que seguiram a Segunda Guerra, em particular, o papel do intelectual na construção de uma nova sociedade e a relação entre catolicismo e comunismo, nesse projeto de reconstrução; a descrição ou a frequente citação, da cena da conversão de Murilo Mendes ao catolicismo, no velório do amigo Ismael Nery, que pode assumir outros contornos, se vista sob outra

convergência das noções de divindade, mundo físico, âmbito mental e natureza humana para com a constituição de um sentimento que impele ao divino desprovido de mistificações.

Teólogo livre, [Espinosa] aprofunda o território da pesquisa racional, designa os atributos conhecidos de Deus: pensamento e extensão. Constrói todo um sistema em formas geométricas. Nasceu para observar o exterior e o íntimo dos corpos: fixado em Amsterdã aperfeiçoa a lente, que já agora corresponderá ao valor significativo do espelho na pintura holandesa e flamenga. O homem do pormenor adere ao cosmo. (MENDES, 1995, p. 1204)

Na seara das pesquisas sobre a obra de Espinosa, Gebhardt também adere ao cosmo: “O espinocismo [...] está convencido da unidade final de tudo que existe. Seu fim não é a salvação, mas a ordem: o microcosmo deve estar em harmonia com o macrocosmo”. (GEBHARDT, 2007, p. 133)

Sobre Carl Gebhardt, a partir da década de 1920, seus comentários acerca da *Ética*, mesmo destacando a influência de Descartes e ressaltando as circunstâncias da revolução científica da Modernidade, não os vincula aos alicerces da obra de Espinosa. Somente um sistema religioso separado da dimensão metafísica, garante, justificaria a natureza do espinosismo.

A filosofia de Spinoza era anteriormente considerada, sobretudo influenciada pela interpretação hegeliana, como continuação da filosofia de Descartes, porque, com efeito, Spinoza partira de Descartes. Investigações adicionais mostraram que muitas outras influências também determinaram o desenvolvimento de sua filosofia [...]. A escolástica, na época em que Spinoza compôs seu sistema, ainda não havia sido superada, e a forma de seus conceitos como substância, atributo, modo, é inteiramente determinado para a neoescolástica. Sua teoria do método é orientada em Bacon. De Hobbes, ele tomou não apenas as características fundamentais de sua teoria do Estado, mas também a ideia do instinto de autopreservação como expressão de seu dinamismo metafísico. Mas todas essas influências perdem importância, confrontados com o fato decisivo de que o verdadeiro propósito de Spinoza não era nada filosófico, mas religioso e, portanto, apenas sua inclusão entre os sistemas religiosos faz jus à natureza do espinocismo. (GEBHARDT, 2007, p. 133)

A aproximação constante de Murilo Mendes com uma religiosidade desmistificadora conserva-se perceptível em sua obra e em alguns pontos de contato com a perspectiva interpretativa de Gebhardt.⁶ Para os limites deste artigo, pode ser suscitado um exemplo, a saber, as categorias da arte de Rembrandt. Antes, preliminarmente, duas citações de *Retratos-Relâmpago* dos perfis murilianos de Espinosa e Rembrandt:

luz; o doloroso deslocamento do poeta ‘poliédrico’ no mundo europeu, apesar dos sinais que confirmam sua inserção entre artistas e intelectuais, espanhóis, franceses, italianos.” AMOROSO, 2023, p.124.

⁶ Embora tal dimensão não seja aqui discutida, a defesa de uma religiosidade desmistificadora encontra resistência diante da análise que entende Murilo Mendes como um transgressor das formas de expressão literária. Oliveira nos conduz por esta trilha reflexiva quando assevera: “Não é exagero dizer que RR [*Retratos-Relâmpago*] representa, de modo muito singular, uma proposta de transgressão formal do literário, já que não é exatamente um livro de verbetes com o propósito de oferecer descrições minuciosas de figuras históricas, compondo um todo articulado. Como veremos, Murilo não é sempre fiel, por exemplo, aos dados históricos relacionados à vida e às ideias de Espinosa; seu objetivo é criar um painel baseado em prismas subjetivos, selecionados pelo poeta em suas memórias e destilados por suas perspectivas visionárias de leitura.” (OLIVEIRA, “*Spinoza*”, p. 9).

[Espinosa] contemporâneo de Rembrandt, Vermeer e Pieter de Hooch, está para a filosofia como eles para a pintura. (MENDES, 1995, p. 1204s)

[Rembrandt] investiga o objeto, os sentidos, a vida imediata ou alegórica — lá fora ou no interno da Bíblia; rejeitando a alternativa do bem e do mal, sob tensão constante dum pensamento ordenador do caos. (MENDES, 1980, p. 216).

Nos Países Baixos do século 17, como explana Gebhardt, o calvinismo constitui-se como uma expressão religiosa “objetiva fixada em dogmas”. Entre seus princípios, a predestinação se destaca. Professa-se que todos os eventos — quer históricos, quer a salvação ou a condenação das almas — dependem exclusivamente do arbítrio divino. Desde modo, “a própria predestinação significa uma decisão objetiva que não tolera qualquer subjetividade.” (GEBHARDT, 2007, p. 113s). Em oposição, menos numerosos, arminianos e anabatistas representavam um subjetivismo (no batismo tardio, por exemplo).

O objetivismo e o subjetivismo das expressões religiosas ilustram parcialmente a questão que se estendem para todo o mundo (GEBHARDT, 2007, p. 142), incluindo o estilo artístico Barroco.

O termo “barroco” foi empregado pelos críticos de um período posterior, contrários às tendências do século XVII, com o intuito de ridicularizá-los. A palavra, na verdade significa absurdo ou grotesco [...]. Ver e observar a natureza sempre com novos olhos, descobrir e apreciar, a cada vez, harmonias de cores e luzes inéditas [...]. Nesse novo objetivo, os grandes mestres da Europa católica encontraram-se de pleno acordo com pintores do outro lado da barreira política que os separava, os grandes artistas dos Países Baixos protestantes. (GOMBRICH, 2013, p. 293-294, 313)

Para Gebhardt, a aproximação de Espinosa dos círculos religiosos universitários subjetivistas assinala “o encontro do filósofo barroco com uma das formas religiosas essenciais do barroco protestante.” (GEBHARDT, 2007, p. 123). A renúncia de Rembrandt ao calvinismo da sua família em proveito dos menonitas (um tipo de anabatista) assinala a ruptura com o objetivismo da limitação da religiosidade de Calvino e um olhar para o subjetivismo da mística religiosa do infinito.

No tempo em que Murilo Mendes manifestou que Rembrandt está para a pintura como Espinosa está para a Filosofia, ele repetiu aquilo que Gebhardt escrevera décadas antes, senão, vejamos:

As categorias da arte de Rembrandt são as mesmas que os da filosofia de Spinoza, pois são as categorias em que se manifesta a infinitude do barroco: sem limites [...]. Se a arte clássica consiste em estruturando a forma pela delimitação, a arte de Rembrandt consiste em escapar da forma por meio da cor e da luz. "Toda limitação é uma negação", é a teoria barroca de Espinosa. A obra de Rembrandt é caracterizada pela substancialidade de uma totalidade que só permeia a pintura: tudo o que é particular não está aqui mais do que o modo de uma substância infinito e com Spinoza pode-se dizer que, embora em graus variados, tudo tem uma alma. (GEBHARDT, 2007, p. 124)

O infinito expresso pela arte barroca carrega um dos elementos fundante das comunidades protestantes minoritárias: “um lugar no infinito e na possibilidade para viver nele [...]” (GEBHARDT, 2007, p. 124). Em um ambiente com padrões das manifestações de

religiosidade bastante rígidos, viver uma experiência estética de um contexto não convencional, mesmo que para um pequeno grupo, mostra-se como uma possibilidade animadora. Tal lugar no infinito conjugado com a possibilidade de um modo de vida — em Murilo Mendes — traduz a harmonia da congruência de contrários a uma justeza proposta.

Para Murilo Mendes, a “Harmonia (hormonia) provém do choque de contrários (Heráclito e Hegel)” (MENDES, 2007, p.141). Indicando especificidade, Merquior compreende semelhante borda intelectual do literato juiz-forano — envolvendo, citando caso análogo, referências de um leque amplo que abriga os pré-socráticos, Hegel e Pascal — como

[...] animada por um sopro característico: a visão cristã de mundo muriliano. A religiosidade de Murilo, espécie de antídoto contra o dogmatismo dos sistemas tem a ver nitidamente com um cristianismo ‘primitivo’, anticonformista, refratário ao mesmo tempo ao poder e às consolações do além. (MERQUIOR, 2007, p. 228)

Já na descrição da identificação cultural de Murilo Mendes, no interior da percepção de Picchio, há o absurdo alegórico da linguagem capaz de conciliar contrários: “[...] era de um catolicismo de regresso [...]. Mas sobretudo chegava [à Europa] com sua fama de católico culto, à maneira francesa [...], de homem que no Brasil frequentara personagens oxímoras [...]” (PICCHIO, 1995, p. 25)

Murilo Mendes, assim como Espinosa, entende a religião como uma virtude, um modo de vida, um processo orientador do dia a dia: “Eu tenho sido toda vida um franco-atirador. Procuo obedecer a uma espécie de lógica interna, de unidade apesar dos contrastes, dilacerações e mudanças [...]” (MENDES, 2000, p. 67). Dilacerante, mesmo com a separação entre a divindade infinita e a finitude humana, à Rembrandt.

Compreendi perfeitamente que Murilo, como ele mesmo me dizia, só se sentia bem e só mesmo sentia a fundo as suas convicções católicas quando convivendo com não católicos (o grifo é da autora). Ele sempre foi um inconformista e nunca um homem de rebanho. (LIMA, 2000, p. 372)

A alegoria da pedra disseminada no conjunto da obra muriliana,⁷ remete o leitor para a noção de solidez que se opõe ao tempo, afastando-se do efêmero, do qualificado como transitório e daquilo que desaparece.

Não vi as flores da vida
Nascidas à luz do sol.
Eu vi a cidade árida,
Estéril, sem ouro, esqualida;
Eu vi a cidade nobre
Na sua patina fosca,
Desfolhando lá das grimpas
No seu regaço de pedra
Buquês de flores extintas.

⁷ Para Souza: “A metáfora da pedra [...] remete à ideia da resistência espiritual e aos fundamentos da Igreja Católica, por exemplo, na leitura que os Padres fizeram de Pedro como a Pedra em que Cristo teria construído sua Igreja. Isso reforça a ideia de algo que perdura com a Igreja.” (SOUZA, 2006, p. 165).

Eu vi a cidade sóbria
Medida na eternidade,
Severa se confrontando
À cinza das ampuhetas,
Sem outro ornato apurado
Além da pedra do chão.
Eu vi a cidade barroca
Vivendo da luz do céu. (MENDES, 1995, p. 470s)

O próprio Murilo Mende refletindo sobre as relações interdependentes que conciliam aspectos diversos da sua produção — o relativo efêmero, o absoluto enquanto solidez atemporal e a verdade — implica-se com uma espécie de humanismo militante e universal. Sua pena exprime realidade e transcendência sem um fosso que as separe; direciona o mutável para uma ascendência de maior perfeição. Todavia, deixa transparecer a incompatibilidade entre realidade e transcendência, denotando — para esta última — a qualidade daquilo que é superior, além da condição de noção fundamental.

O absoluto é o primeiro motor de todas as relatividades [...]. O difícil não é encontrar a verdade: é organizá-la [...]. A religião ensina ao homem a se consolar, não só com o invisível, mas com o visível [...]. Nossa vida é uma contínua alusão a uma realidade superior que nos escapa na sua totalidade, mas da qual percebemos todos os dias indícios e centelhas. Nem tudo nos é revelado, mas nem tudo ignoramos. (MENDES, *O discípulo de Emaús*, p. 387, 390 e 393. In: MENDES, Murilo. 2007)

Há sempre uma tensão que está à vista, aquilo que Rocha tem em conta como a prática do pugilismo: “[...] assistimos a voos alucinantes da alma sobre o mundo material, ou, até mesmo, vemos essa alma se prontificar a ‘boxear’ com a eternidade.” (ROCHA, 2011, p. 5)

Gebhardt, discutindo ciência e religião no contexto do século 17, após as perturbações político-sociais do Renascimento e da Reforma, assegura ser Espinosa aquele que atendeu a grande necessidade da época: religião e ciência. Época de novas categorias, homem e sociedade; época de duas tendências, verdade religiosa e verdade científica.

A grandeza secular de Espinosa consiste em ser o único que satisfaz a dupla necessidade de seu tempo, o da ciência e o da religião, porque ele entendeu que deve haver uma divisão irremediável na cultura se a religião e a ciência seguirem caminhos separadas sem se darem em conta mutuamente. Homem de ciência do seu tempo [...], sabia, porém, que "todas as ciências devem ser direcionadas para um único fim", para aquela felicidade suprema que só a união com Deus pode conceder. Homem religioso cheio de saudade de Deus, sabia que somente aquela religião une em si todo o conhecimento particular da ciência como irradiações de uma profunda intuição da lei divina do mundo. (GEBHARDT, 2007, p. 117)

Do mesmo modo que Espinosa, Murilo Mendes revela-se conectado a um sistema conceitual também baseado em uma dimensão religiosa. Desde o seu estado primitivo, pelo que é possível inferir, o homem percebe a natureza como envolta em forças desagregadoras e,

interrogações sobre tal circunstância, demandam respostas perenes para a questão do sentido da vida.⁸

Sobre tais respostas perenes, para Camus — aquele que usava o cilício da lucidez e as alpercatas da crítica, segundo o retrato-relâmpago publicado — Murilo Mendes reservou a seguinte indagação: “Se os deuses não existissem, como aprenderíamos a polemizar?”⁹ Evidentemente, a concepção religiosa abrigada pelas palavras murilianas voltadas para Camus não é a do cristianismo católico. Trata-se muito mais de uma atitude, uma postura existencial, um modo de vida. Carlisle esclarece que o entendimento para a noção de religiosidade em Espinosa também envolve uma prática relacional com a divindade.

Para Espinosa, ser religioso não significa pertencer a uma seita ou facção, definida em termos de ortodoxia ou ortopraxia. Em vez disso, ele mantém uma concepção de religião que era comum no período medieval: religião é uma virtude, que envolve viver na relação correta com Deus. Esta virtude pode ser praticada dentro ou fora de uma instituição religiosa reconhecida. Espinosa está longe de ser um individualista, tanto metafísica quanto eticamente, portanto, mesmo que uma pessoa siga sua religião em um contexto não convencional, essa busca ainda será coletiva, apoiada talvez por um pequeno grupo de pessoas com ideias semelhantes. (CARLISLE, 2022).

A decorrência de entender a religião como uma virtude é a inquebrantável unidade entre a moralidade e natureza.¹⁰ Tantos os atos da conduta moral (envolvendo a liberdade de praticá-los ou não) como os juízos morais: instalam-se no âmbito do mundo físico; realizam-se historicamente e envolvem princípios suscetíveis de mutação.¹¹

Da exposição das categorias da arte de Rembrandt, citadas como exemplo da aproximação persistente de Murilo Mendes de uma religiosidade desmistificadora à Espinosa (tendo em consideração o prisma interpretativo de Gebhardt), cinco argumentos foram desenvolvidos. (i) Se por um lado o literato juiz-forano sustenta que Rembrandt representa para a arte de pintar o mesmo que Espinosa em relação a Filosofia, por outro, com grande similaridade, Gebhardt defende que a classificação da arte de Rembrandt é a mesma da Filosofia de Espinosa. (ii) Igual semelhança ilustra a aproximação das noções de objetivismo e o subjetivismo. Quando a pauta envolve a concepção de mundo, quer ponderando sobre o estilo

⁸ Para Gebhardt: “O homem primitivo está diante da natureza como diante de um todo entrelaçado e dominado por forças demoníacas, e tenta segurar todas essas forças demoníacas por meio de ações mágicas [...]. Uma vez criado, o a religião mitológica é questionada sobre seu outro propósito, para dar uma resposta à questão do sentido da vida e ordem mundial.” (GEBHARDT, 2007, p.114).

⁹ “Conheci-o de perto: usava o cilício da lucidez, as alpercatas da crítica. De rigor ético. De exigência estética [...] FRASE PARA CAMUS: Se os deuses não existissem, como aprenderíamos a polemizar?” MENDES, *Retratos-relâmpago*, p. 171. In: MENDES, Murilo. 2007).

¹⁰ Gebhardt adverte: “O homem não pode ser concebido como um estado dentro do Estado, mas como um ser natural entre outros seres naturais. O que se aplica a alguns também se aplica a outros. Por isso, o reino da moralidade não pode ser separado do reino da natureza, nem se submetem às suas próprias leis e de outra espécie.” (GEBHARDT, 2007, p. 141).

¹¹ Para Gebhardt: “Espinosa não se eleva ao espaço rarefeito da abstração, mas permanece no reino da experiência.” (GEBHARDT, 2007, p. 142).

barraco quer resgatando elementos do calvinismo, Murilo Mendes e de Espinosa especificam a ruptura com o objetivismo da limitação da religiosidade e a opção por um subjetivismo da mística religiosa do infinito.

(iii) O terceiro dos argumentos que trouxe para mais perto Murilo Mendes de Espinosa abrange a harmonia da congruência de contrários. Para Murilo Mendes, a harmonia advém do embate de contrários, aquilo que Merquior identificou como um antídoto contra o dogmatismo dos sistemas. Gebhardt, por seu turno, se reportando aos Países Baixos do tempo de Espinosa, abriga a vivência harmônica no interior das comunidades religiosas minoritárias porque está convencido da concordância entre todas as coisas, haja o que houver: microcosmo e macrocosmo em harmonia. (cf. GEBHARDT, 2007, p. 133). (iv) Por esta chave de leitura, do mesmo modo que Espinosa, o franco-atirador Murilo Mendes entende a religião como um processo orientador do dia a dia, uma expressão da realidade e da transcendência sem trincheiras, a consolação infinita do visível e do invisível. (MENDES, 1980, p. 387, 390 e 393)

(v) Os argumentos que terminam a série sobre a proximidade de Murilo Mendes e Espinosa voltam-se para o contexto da verdade religiosa e da verdade ciência. Gebhardt sustenta que Espinosa compreendeu que a grande demanda do contexto do século 17 era conjugar o conhecimento particular da ciência com a propagação de profunda intuição da lei divina do mundo (GEBHARDT, 2007, p. 117); endossando o entendimento da natureza como abarcando forças desagregadoras, Murilo Mendes acolhe um componente religioso que, seguramente, não é a do cristianismo católico. (cf. MENDES, 1980, p. 387, 390 e 393). Finalmente, quando dialoga com Camus ou no tempo em que reconhece a dificuldade de organizar a verdade, percebe-se o distanciamento muriliano das grandezas que denotam aparência, ilusão ou inexistência para aquelas coisas instaladas além do âmbito do mundo físico.

Uma vez postos a mesa os exemplos sobre a convergência entre um agregado de elementos conceituais pelo qual Murilo Mendes interpreta o mundo e a perspectiva de comentários que Gebhardt traça de Espinosa, é possível tangenciar a inquietação de autores que, verdadeiramente, ilustram o sentido de uma vida criativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOROSO, M. B. Passeio na biblioteca de Murilo Mendes. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 21, n. 2, p. 123–152, 2012. DOI: 10.20396/remate.v21i2.8636090. Disponível em: << <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636090> >>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 2000. 398 p. (Signos, 29).

CARLISLES, Clare, Philosophy and the Mirror of Technology: Spinoza's Religion. Entrevistador: Charlie Taben. *Blog of the APA*. 11/mar2022. (Disponível: << <https://blog.apaonline.org/2022/03/11/philosophy-and-the-mirror-of-technology-spinozas-religion-interview-with-clare-carlisle/> >>, 08out2022, 08:04).

GEBHARDT, Carl, *Spinoza*, Traducción de Oscar Cohan. Buenos Aires: 940, Editorial Losada, 2007. 176 p.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2013. 1046 p.

LIMA, Alceu Amoroso. Carta à autora, p. 372. In: ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 2000. 398 p. (Signos, 29).

MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro: Record, 2003. 191 p.

MENDES, Murilo. Carta à autora. p. 67. In: ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 2000. 398 p. (Signos, 29).

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 1478 p.

MENDES, Murilo. *Poliedro: Roma 1965/66*. Posfácio de Júlio Castanõn Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 239 p.

MENDES, Murilo. *Retratos relâmpago*. Vol. 24. Conselho Estadual de Cultura, 1973.

MENDES, Murilo. *Transístor: antologia de prosa 1931-1974*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 414 p.

MERQUIOR, José Guilherme. O “texto délfico” de Murilo Mendes. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. In: MENDES, Murilo. *Poliedro: Roma 1965/66*. Posfácio de Júlio Castanõn Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 239 p.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia. “*Spinoza*”: um retrato-relâmpago de Murilo Mendes. *Santa Barbara Portuguese Studies*, v. 2, p. 1-15, 2018.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Introdução Geral. In: MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 1478 p.

ROCHA, W. T. A., Corpo e alma: a tensão entre os contrários na poesia de Murilo Mendes. *Revista Crioula*, [S. 1.], n. 9, 2011. DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2011.55382. Disponível em: << <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/55382> >>. Acesso em: 11 jan. 2023.

SOUZA, Valmir de. *Murilo Mendes: da história satírica à memória contemplativa*. 2006. Orientadora: Ligia Chiappini Moraes Leite. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SPINOZA. *Ética*. Edição Bilingue / Latim – Português. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 423 p.

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora, CGCO – Centro de Gestão do Conhecimento Organizacional, SIGA – Sistema Integrado de Gestão Acadêmica – Módulo Biblioteca, RELATÓRIO DE OBRAS POR UNIDADE E GÊNERO, Unidade: MAM–Murilo Mendes, Gênero: TODOS. 31/01/2013 9:04 – CGCO/DSI. Obras 77994 e 77995, p. 27 e 58 de 104 p.